

## REDAÇÃO MODELO

## CAMINHOS PARA ERRADICAR O CAPACITISMO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Uma sociedade capacitista não enxerga ou enxerga e exclui uma pessoa atípica, quer dizer, uma pessoa com deficiência – e quando se fala em capacitismo, é possível revisitar a cinebiografia de Stephen Hawking, astrofísico britânico que, desde os 21 anos, foi diagnosticado com uma doença autoimune, o que não o impediu de sagrar-se um dos mais renomados cientistas do mundo. No Brasil, muito embora haja políticas públicas afirmativas que promovam acessibilidade e autonomia no espaço urbano à pessoa com deficiência, ainda há um sem-número de capacitistas que consideram paratletas como exemplares de superação – talvez um novo modal de apartheid o que já se tornou ofensivo a eles. Assim, torna-se urgente reverter tal pensamento, uma vez que comprovadamente equivocado.

Nessa perspectiva, é inevitável reconhecer que ainda há muito a ser desenvolvido em favor de pessoas atípicas, embora, atualmente, graças às engenharias a serviço da inclusão, tais pessoas já têm considerável autonomia, haja vista as adaptações de espaços públicos e privados, como rampas, corrimões, guias rebaixadas etc., a fim de que sejam capazes de ir e vir, sem a interferência de terceiros. Isso, sem dúvida, significa atenção aos direitos humanos, ressaltados pela nossa Carta de leis de 1988, referência no que diz respeito a garantias fundamentais, como a integridade da pessoa e o combate às intolerâncias, para que novos Hawkings possam mostrar-se ao mundo.

Contudo, pontua-se, ainda, que o Brasil conta, hoje, cerca de 14 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, e, lamentavelmente, ao que parece, são pessoas quase invisíveis aos apelos midiáticos. A exceção acontece a cada quatro anos, exatamente quando das paraolimpíadas, ocasião em que os holofotes se voltam aos paratletas que, mesmo após anos de treinamento não propagandeado nas redes sociais e nas emissoras de televisão, servem de trampolim para alguma comoção nacional – até porque são tidos como heróis, exemplos de superação, o que já tem, de fato, aborrecido a todos eles. Ora, verdade seja dita, paratletas merecem ser reconhecidos por seus bons anos de treinamento, e não por seu traço atípico – em outras palavras, convém jogar luz, propriamente, no desempenho, e não na deficiência.

Portanto, para resolver a problemática, é preciso que o Ministério da Educação (MEC) promova campanhas educativas, a fim de coibir a cultura do capacitismo, insustentável nas sociedades contemporâneas, que precisam reeducar o olhar e reconhecer o talento, a força, enfim, o potencial das pessoas atípicas. Isso deverá ser feito por meio de parcerias entre MEC e mídias digitais e televisivas, as quais detêm longo alcance, com a finalidade de exibir cinebiografias de paratletas renomados, ocasião em que o público-alvo conhecerá a intensa rotina que os leva ao pódio – o que, em nenhuma hipótese, significa vestir nos paratletas a capa de super-herói.

*Por Gislaïne Buosi*

**Análise da estrutura dissertativa:**

Apresentação do tema;

Repertório sociocultural próprio;

Antecipação do primeiro argumento;

Antecipação do segundo argumento;

Tese;

Desenvolvimento do primeiro argumento;

Desenvolvimento do segundo argumento;

Proposta de intervenção social.